

predisposições particulares, mas agrega, também, iatrogenias diversas. O grupo “Desenhando a Vida” oferece espaço para expressar a dor.

**ADESÃO ÀS RECOMENDAÇÕES MÉDICAS
DOS EFEITOS DA QUIMIOTERAPIA CITOSTÁTICA NOS DOENTES COM CANCRO:
EXPECTATIVAS DE AUTO-EFICÁCIA E SATISFAÇÃO COM OS CUIDADOS DE SAÚDE**

J. Gonçalves (JoanaGoncalves@netcabo.pt) e J. L. Pais-Ribeiro

Este estudo é uma investigação exploratória, que tem como objectivo averiguar que tipo de relação existe entre variáveis como: as variáveis sócio-demográficas, as expectativas de auto-eficácia geral, a satisfação com os cuidados de saúde e a adesão às recomendações médicas dos efeitos da quimioterapia citostática nos doentes com cancro. Mas tem como questão principal: Será que a relação entre a adesão às recomendações médicas dos efeitos da quimioterapia citostática nos doentes com cancro e a satisfação com os cuidados de saúde é mais forte, do que a relação entre a adesão e as expectativas de auto-eficácia geral?

Utiliza-se para isso uma amostra de conveniência, de 42 sujeitos, doentes com cancro, que no momento da investigação, estão a fazer quimioterapia citostática no Hospital de Dia, da Unidade de Oncologia Médica, do Hospital de Santa Cruz (HSC) e um questionário constituído por várias escalas: uma mede a Auto-Eficácia Geral (EAEG), de Ribeiro (1995); outra mede a Satisfação com os Cuidados de Saúde (ESCS), construída por nós a partir de outras escalas e outra mede a Adesão às Recomendações Médicas dos Efeitos da Quimioterapia Citostática nos Doentes com Cancro (ARMEQC), também construída por nós, a partir do Manual de Orientação da Consulta de Oncologia Médica.

Os resultados revelam que os homens se percebem com uma maior auto-eficácia do que as mulheres e que os sujeitos mais satisfeitos com os cuidados de saúde são os casados, depois os solteiros e por último os viúvos e os divorciados. Verifica-se também que quanto maior for o tempo de diagnóstico, menor será a satisfação com os cuidados de saúde e que quanto maior for o tempo que o sujeito tem de convivência com o tratamento de quimioterapia citostática, menos o sujeito adere às recomendações médicas dos efeitos desse tratamento.

Por último, constata-se que, apesar das correlações não serem significativas, os resultados vão no sentido, em que a adesão às recomendações médicas dos efeitos da quimioterapia citostática nos doentes com cancro, está mais correlacionada com a satisfação com os cuidados de saúde, do que com as expectativas de auto-eficácia geral.

SIMPÓSIO – ADAPTAÇÃO À GRAVIDEZ E MATERNIDADE/PATERNIDADE

Sala 1 • dia 30 • 10:00-11:15

Coordenadora: *Maria Cristina Canavarro*
FPCE – Universidade de Coimbra

**IMPACTO E ADAPTAÇÃO À GRAVIDEZ E PARENTALIDADE:
APRESENTAÇÃO DE UM PROJECTO LONGITUDINAL.**

Maria Cristina Canavarro, Anabela Araújo, Célia Oliveira,
Mariana Moura Ramos, Marco Pereira, Sara Monteiro

É reconhecido que o nascimento de um filho, particularmente no caso de ser o primeiro, implica grandes mudanças e tem um enorme impacto na vida pessoal e familiar dos indivíduos. A mudança não é abrupta mas um processo de reajustamento que se inicia na gravidez, tem um momento importante no pós-parto e prossegue, acompanhando o próprio desenvolvimento do recém-nascido.

A revisão da literatura permitiu-nos definir os momentos cruciais para a avaliação da adaptação e conhecer a conceptualização que diferentes modelos teóricos oferecem para a compreensão deste processo.

Desenhámos assim um projecto de investigação de tipo longitudinal, que através da utilização de diferentes metodologias (entrevista, questionários de auto-resposta, grelhas de observação e de registo médico e social) nos permitiu caracterizar o processo de adaptação à parentalidade e compreender melhor os seus determinantes.

Procurámos ainda aplicar este desenho de investigação a populações com condição médica associada (prematuridade e infecção por VIH/SIDA), para as quais as exigências de adaptação são ainda maiores, por terem de responder, simultaneamente, aos desafios da parentalidade e aos exigidos na adaptação à situação médica/doença.

**PERCEÇÃO DAS MUDANÇAS ASSOCIADAS À GRAVIDEZ
E ADAPTAÇÃO NA TRANSIÇÃO PARA A MATERNIDADE.**

Célia Oliveira, Anabela Araújo Pedrosa, Mariana Moura Ramos,
Sara Monteiro, Maria Cristina Canavarro

A gravidez e o pós-parto são considerados como etapas de desenvolvimento que pressupõem a necessidade de resolver tarefas desenvolvimentais específicas. A capacidade de concretização dessas tarefas com êxito permite a adaptação bem sucedida à nova fase do ciclo de vida e depende, entre outros factores, de parâmetros individuais, como a capacidade de acomodação (cognitiva, emocional e comportamental) às mudanças próprias deste período.

Com o presente trabalho pretendemos avaliar a relação entre a percepção das mudanças em diversas áreas da vida da mulher (relação conjugal, com a família alargada e profissional) durante a gravidez, através de uma entrevista realizada a 60 mulheres, internadas na Maternidade Doutor Daniel de Matos, e a qualidade da adaptação ao puerpério, avaliada através de questionários de auto-resposta, nomeadamente o Perception Stress Scale (Cohen et al., 1983, Versão Portuguesa: IPSSO, 2000), o Emotional Assessment Scale (Carlson et al., 1989, Versão Portuguesa: M. Moura Ramos, M.C. Canavarro e A. Araújo Pedrosa, 2004) e o Brief Symptom Inventory (Derogatis, 1993; versão portuguesa: M.C. Canavarro, 1999).

Pretendemos testar a hipótese segundo a qual a percepção das mudanças ocorridas durante a gravidez estará relacionada com uma maior qualidade na adaptação à maternidade, na medida em que implicará a activação dos processos de acomodação às mudanças desencadeadas pela gravidez que facilitarão a posterior adaptação ao puerpério.

Se esta relação se revelar significativa, podemos retirar importantes implicações para a intervenção psicológica neste período, fazendo sentido que a gravidez seja o momento mais adequado para uma intervenção que pretende ser facilitadora da adaptação à maternidade.

GRAVIDEZ E SIDA: DECISÃO E (IN)ADAPTAÇÃO

Marco Pereira & Maria Cristina Canavarro

A junção das situações: contaminação pelo VIH/SIDA, gravidez e maternidade tem vindo a ser cada vez mais frequente. No nosso país, um grande número de mulheres é confrontado com a notícia da sua contaminação no decurso dos exames de rotina pré-natal; outras, conhecendo a sua situação clínica, de contaminação pelo VIH/SIDA, optam por engravidar.

Temos assim grávidas que, embora com situações diferentes à partida, têm em comum ter de responder aos desafios e exigências que a gravidez e a maternidade encerram e, simultaneamente aos implicados no processo de adaptação à doença. O impacto da infecção por VIH na gravidez é considerável e pode ser bastante traumático.